

A PATERNIDADE LIBERTADORA

«A Deus jamais alguém o viu. O Filho Unigénito, que é Deus e está no seio do Pai, foi Ele quem o deu a conhecer.» (Jo 1,18). De facto, «No princípio existia o Verbo; o Verbo estava em Deus; e o Verbo era Deus. No princípio Ele estava em Deus. Por Ele é que tudo começou a existir e sem Ele nada veio à existência (Jo 1,2-3). São Paulo afirma: «Ele a imagem do Deus invisível, o primogénito de toda a criatura; porque foi nele que todas as coisas foram criadas, no céu e na terra, as visíveis e as invisíveis ... Ele é anterior a todas as coisas e todas elas subsistem nele» (Col 1,15-17).

Jesus é de verdade o Filho de Deus, o Verbo eterno que presidiu a criação do mundo, mas é também verdadeiro homem, nascido por uma mulher, nosso irmão no sofrimento e na morte. Nele podemos conhecer o verdadeiro rosto de Deus: o Pai.

Deus é nosso criador. Existimos, pura e simplesmente, porque Deus assim o quis e não por outras razões. Decerto que tivemos os nossos pais, que foram colaboradores generosos de Deus para a nossa concepção. Foram os instrumentos escolhidos por Deus, voluntários e conscientes, mas não o motivo fundamental da nossa vinda ao mundo. Foi Deus que determinou a nossa existência. Deus podia nos ter criado de outra forma, mas na Sua providencia infinita escolheu que fôssemos gerados e acolhidos no ceio da ternura de uma família. Através deles manifestou-se o Seu amor paternal.

Sem Deus não existiríamos. Ele é a origem e o fim último da nossa vida. Ele é razão essencial da nossa existência, porque, desde o início, chamou-nos a participar da Sua felicidade – o Céu. É para lá Ele nos conduz e está empenhado para que esse fim se realize por cada uma de nós.

A recusa da paternidade. O homem moderno recusa a paternidade, como também qualquer forma de autoridade e dependência, pois afirma, quase desesperadamente a autonomia pessoal. Por isso tem dificuldade a reconhecer a paternidade divina ... O homem que rejeita a Deus torna-se escravo do mundo e se torna instrumento passivo de uma sociedade materialista. Só Deus liberta porque Ele respeita a liberdade humana e a autonomia pessoal e, ao mesmo tempo, abre a perspectiva da eternidade.

A paternidade de Deus é fonte de vida. Reconhecer a Sua autoridade paterna é para nós fonte de vida. Deus não renuncia à Sua autoridade divina, quer ser tratado por aquilo que Ele é. Ora, Jesus não pediu que o tratássemos por «Vossa Excelência», como seus servos, mas apenas por Pai, pois, é com Amor Paterno que Ele atua para conosco. Não é um Deus longínquo, mas um Deus próximo. Um Pai que quer a felicidade dos Seus filhos.

É uma Paternidade libertadora. Deus é Pai e, quando nós vivemos como Seus filhos e herdeiros da vida eterna, ficamos libertos da escravidão do

mundo. De facto, a dependência filial não é uma dependência servil, mas uma dependência de amor; uma dependência que não anula a nossa liberdade, nem a nossa autonomia, mas tudo orienta para a felicidade eterna.

Deus, como bom Pai, dá a todas as possibilidades de atingir a felicidade verdadeira. Por isso, sempre que for preciso, Ele nos corrige, nos alerta sobre o nosso comportamento, para que não nos desviemos do caminho do bem. Ele pede que sejamos santos para que possam entrar um dia no seu Reino, o Reino dos Céus, convidando-nos a cumprir as nossas obrigações de todos os dias, com a maior perfeição possível e de acordo com os deveres que assumimos.

Ele não pretende coisas impossíveis que superem as nossas capacidades. E sempre nos ajuda com a sua graça. Podem ser custosas e, por vezes até, dolorosas, mas não coisas irrealizáveis. Deus é um Pai educador e não um pai desinteressado. Ele quer que os Seus filhos sejam pessoa de bem, honradas, trabalhadas, bons cristãos e bons cidadãos, amigos dos seus amigos, que não esquece das obrigações quotidianas que lhe competem.

Jesus chama-nos a uma comunhão de vida

“Não ameis o mundo nem o que há no mundo. Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele. Pois tudo o que há no mundo - a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e o estilo de vida orgulhoso - não vem do Pai, mas sim do mundo. Ora, o mundo passa e também as suas concupiscências, mas quem faz a vontade de Deus permanece para sempre. (1Jo 2, 15-17)

A filiação divina - *Vede que amor tão grande o Pai nos concedeu, a ponto de nos podermos chamar filhos de Deus; e, realmente, o somos! É por isso que o mundo não nos conhece, uma vez que o não conheceu a Ele. Caríssimos, agora já somos filhos de Deus, mas não se manifestou ainda o que havemos de ser. O que sabemos é que, quando Ele se manifestar, seremos semelhantes a Ele, porque o veremos tal como Ele é. (1Jo 3,1-2)*

(padreleo.org)